

## **CRIANÇAS COM FACAS, ABRAÇOS E SAPATOS**

(Olga S R de Almeida)

Clarice era uma das pessoas que circulavam diariamente pelas ruas da cidade agonizante. Crimes vinham sendo cometidos por crianças armadas com facas. E não era brincadeira não. Feriam de verdade, além de privar a população do seu direito básico de ir e vir em segurança.

As crianças com facas, por sua vez, também buscavam seus direitos de serem cuidadas, amadas, abraçadas. Só que não tinham essa consciência. Acreditavam, apenas, em ganhar algo que os compensassem pela falta, diária, de tudo. Não tinham escola, brinquedos, sapatos, um cachorro fofo no quintal, um pai e uma mãe para cuidar de sua delicadeza infantil, de sua educação. O amor seria a solução pra tudo, mas não podiam ganha-lo com facas. E nada poderia resolver essa situação, pensavam as crianças, sem pensar, pois não haviam aprendido a fazê-lo ainda. Quase tudo perdido para crianças armadas pelo descaso do abandono.

Clarice tinha vinte e quatro anos, era arquiteta e sempre teve os pais ao seu lado. Foi uma criança feliz. Tinha um lar, um gato branco, uma escola, amigos, abraços e sapatos. Como de costume, ela saía do trabalho por volta das seis horas da tarde e caminhava até o Metrô. Em sua opinião, era o transporte mais rápido até o bairro de Botafogo, onde morava.

Clarice havia se tornado uma mulher determinada. Estava começando a vida profissional e tinha muitos sonhos, alimentados durante anos de estudos supervisionados, cuidadosamente, pelos pais.

Naquele final de tarde, em especial, ela caminhava pela Av. Rio Branco quase flutuando. Seu projeto de reforma para um apartamento em Ipanema havia sido elogiado por todos no escritório. Clarice não cabia em si. E como era boa a sensação do sucesso, pensava enquanto esperava o sinal abrir para atravessar a rua. Estava próxima da faixa de pedestres, quase chegando à Estação do Metrô da Carioca.

O sinal verde, afinal. Clarice, ao lado da multidão, caminhava a passos largos para atravessar a rua enfeitada com pequenas luzes coloridas que anunciavam o fim de mais uma jornada. De repente, percebeu um agito vindo em sua direção. A princípio, não entendeu o que estava acontecendo. Ela e outras pessoas ao seu lado estavam sendo empurradas. Também começou a ouvir gritos. Uma confusão que fez seu coração disparar. Ainda estava no meio da rua, quando levou outro empurrão. Alguém puxou sua bolsa e ela não teve tempo de reagir. A bolsa passou para a mão de um menino. Instintivamente, ela puxou de volta e disse o mais alto que pode: “Não!”

As pessoas estavam descontroladas a sua volta, um pânico geral. Clarice, novamente, com a bolsa na mão, tentou livrar-se do menino que lhe mostrava uma faca. Tudo estava confuso. Sentia medo e indignação. Outros dois garotos seguraram seu braço e a derrubaram no chão. Um deles deu-lhe um chute.

Clarice ficou sem ação, petrificada pelo medo. Não conseguia mais ter clareza nos seus pensamentos. Um dos meninos, com os pés descalços e muito sujos, ela observou, sem querer, deu-lhe outro chute e gritou: “Vaca!”

Clarice já não estava mais com a bolsa. Estava caída no chão. Sentiu um golpe nas costas, depois outro, e mais outro. Então, sentiu uma dor congelada e úmida. Levou outro chute. Ouvia gritos, apitos, talvez uma sirene. Pensava no seu pai lhe abraçando, no cheiro do seu perfume, em suas mãos afagando o seu rosto, no seu sorriso. Os meninos eram pequenos, mas não eram mais crianças, ela pensou. Mas então, o que seriam eles? Os seus pés estavam tão sujos, observou, já delirando.

A dor aumentou. Sentia dificuldade para respirar e se deu conta de que não conseguia mexer as pernas. Os meninos sumiram e sua bolsa também. Havia um líquido, quentinho, perto dela. “Seria uma poça de água?” Pensou. Então o seu vestido estaria molhado. Já não estava entendendo, nem ouvindo mais nada, só sentia um soninho gostoso.

Finalmente estava segura, na cama, ao lado dos pais, brincando, rindo. Gostava muito de acordá-los aos domingos. Agora, estavam abraçados e nada de ruim poderia acontecer. Foi seu último pensamento antes de perder a consciência.